

2ª PARTE

POESIA

Secos de Verão

A única forma de contarmos o tempo
é perdemos nele,
pois, em pé ou caídos
jamais alçamos vôos.
Magia de verão
ventos de setembro
ventos do sul,
varrendo o sertão.

Areia branca aos pés,
caminhava apenas pelas minhas
silhuetas...
E tal como a mim,
ao rio era imposto, jogado
sem questionamento

palavras vazias, ocas...
esperança sombria
no meio do rio
desejo!

Por que aquela água se foi,
não parou,
e tudo levou,
e seu chão turvo ficou?
Só o próprio rio conhece suas entranhas.
Sei que somos dois rios
em dois vales,

ou o mesmo rio
no mesmo vale.

Pecador de transgressões sem culpa
sofri castigo dos piores:
muito sol,
muito sal,
seca nos campos,
folhas caídas no sul,
ventania no leste,
massacre que à vida do rio impunha
quando desperto.

A fúria da vida racha
no deserto...
Ventos de verão
roubando a paz do coração.
Vagamos pelos vales do rio seco,
é nossa sina...
Mas a vida germina
e é possível recomeçar.
Falando à lua,
sonho de mãos dadas,
eu sou este rio,
este rio sou eu,
em tempos idos, vividos.

Falo ao rio:
conto segredos dos homens,
dos anjos,
demônios, damas
e mundanos.

Seu ouvido ouviria a maldição
e a bem dizeres,
as juras de paixões efêmeras,
e a caprichos eternos do sertão.

Caminhava apenas pelas minhas silhuetas,
meus pés andavam sem direção,
sem volta,
o direito escorregava, afundava,
mas o esquerdo equilibrava
e renascia e se salvava.

Mas, como trovões ou trombetas
apocalípticas,
os ventos de verão anunciavam
o retorno ao rio,
à fúria da terra ferida,
morta e viva, a sina.

Escalador de Sonhos

O juazeiro está de bem com a vida,
e como as borboletas
entende de felicidade.
De maneira mais rude
o vento o açoita
mas não o dobra.
Enterrei minhas raízes
para baixo,
o vento, invisível,
me açoita e me dobra.

Ainda não descobri o tempo,
resolvi inventá-lo,
meu hoje contradiz
meu ontem,
mas continuo esperando
o primeiro raio
com a alma sedenta
de espanto,
sem ver mais além
que o fim desse rio.

Dirigi ao vale
um olhar fatigado.
O frio da solidão
me fez saltar degraus,
mas os degraus não me perdoaram,
quebraram-me as asas,
assim ficarei menos preso à vida.

A morte me espreita
com seus dentes cerrados
e olhar que procuram sempre
um inimigo.

a morte rodeia o sertão
que desaparece diante
de si mesmo, como o rio.

Louco me agarro à vida
confinado em densa
melancolia.

Mas ainda tenho flechas no arco,
a alma grande...

Ainda há muitos lugares vagos
onde sopra a fragrância
dos rios silenciosos,
dos bosques e rochedos.

Tonel da memória,
guardo junto de mim
todas as razões,
mas não tenho a dimensão
do que crio...

Busco sentido
no mundo que gira
de modo invisível.

Refugio-me onde sopra
um vento rijo e forte,
e fujo para minha solidão,
porque a seca me odeia
e bem que gostaria de me sugar
o sangue.

Mas o sertão não é só sofrimento:
é ar puro e solidão,
como o amor iluminado da mulher,
se oculta sempre,
ao lado da luz,
o relâmpago e o trovão.